

Mecanismo

Mechanism

Christian Ferrer

Professor na Universidade de Buenos Aires.

Contato: cferrer@fibertel.com.ar.

RESUMO:

Ensaio no qual se apresenta registros para arquivos de pequenas e gigantescas destruições civilizatórias acompanhadas de suas repercussões na construção do ideal de paz, nas subjetivações e na presença atual das técnicas de governo e controle.

Palavras-chave: governo, controle, subjetivações, política.

ABSTRACT:

This essay presents records for archives of small and enormous civilizational destructions followed by their echoes in the construction of the ideal of peace, in the subjectivities, and in the current presence of the techniques of government and control.

Keywords: government, control, subjectivities, politics.

FERRER, Christian (2015). Mecanismo. Tradução de Edson Passetti. *Revista Ecopolítica*, São Paulo, n. 12, mai-ago, pp. 2-12.

Recebido em 17 de junho de 2015. Confirmado para publicação em 03 de agosto de 2015.

O último pássaro dodô foi visto nas ilhas Maurício em 1662, vinte e quatro anos depois da chegada dos holandeses. Foi esse o tempo suficiente para exterminar todas estas aves de um metro de altura e incapazes de voar. Bastou destruir os bosques nativos, introduzir animais exógenos ao ecossistema existente e caçá-las pelo gosto de fazê-lo, pois não havendo registrado os humanos como depredadores — a ilha era desabitada —, os dodôs não desconfiavam deles. Temos alguma ideia de seu porte a partir de descrições e gravuras da época. Havia um exemplar embalsamado em um museu de Amsterdã, porém, danificado, acabou no lixo. Hoje, conserva-se um ovo e um esqueleto desenterrado em 2007.

Para não sonhar com distâncias, e desesperar-se, o homem sonha com confortos mais ou menos exequíveis. Decora sua jaula com aparência de ninho, por mais que seu voo se torne cada vez mais recluso e, por fim, deixe de gorjear. Um outro ocupará o oco e será entretido pelos acessórios. Tampouco há alternativa, se é minicomponente orgânico de uma vasta máquina envolvente, como as que transformam as paisagens em fundição, parques temáticos ou pátio de engorda, ou as que em um momento empilharam milhões de almas para serem arremessadas sobre economias de guerra permanente. O resto é matéria-prima diferenciada em pavorosas existências pessoais, ainda que impessoais para as estatísticas e os manuais de instruções. Simplesmente não é permitido desertar até que esteja cumprida a data de validade do produto humano. Antes, se é intimado a reivindicar “inclusão”, e sempre se é admitido. Há lugar para todos: os que chegam e substituem os que vão; são objetos de permuta. Sem dúvida, o mecanismo não é eterno, mas sempre excede o limite normal de uma só vida no mundo da planificação, da produtividade e do consumo, uma lista interminável¹. São órgãos de

¹ Como uma fita de Moebius [N.T.].

poder na era da tecnologia industrial e dão forma à vida. Apresentam-se como materiais comuns, mas são manifestações de uma vontade de domínio, ou uma vontade de vontade, a produção pela produção. Isso responde à metafísica imperante, à energética, molde agitador no qual se acomodam como podem corpos, cidades e nações. Na escala de quilômetros, nitidamente se veria o contorno de um labirinto, em cujo centro há uma inextinguível declaração de hostilidade à vida.

Sejam proclamados pelo governo como soma, autodefesa, contra-ataque, ou pela oposição, que é o governo no exílio, como resto, como assédio, como ofensa, o progresso se mede em algarismos: porcentagens, toneladas, hectares, cifras. Não surpreende que os detentores do poder de Estado, ou os “gabinetes às sombras”² de seus adversários, disponham de profissionais dedicados a medir o nível de dor necessário a partir do qual cabe outorgar subsídios aos pobres, necessitados, discriminados e outros desenganados por um sistema que ferozmente fabrica sofrimento. Assim se rechaça a causa da dor que é tarifada segundo as possibilidades de mitigar o efeito permanente, cujo resultado de todos os números se dilui ou se torna hieróglifo, e das intensas jornadas do dia a dia apenas resta a intuição de que somente foram possíveis porque foi omitido o sentido de querer vivê-las.

O último tigre da Tasmânia morreu em 7 de setembro de 1936, no zoológico de Hobart, capital da ilha homônima, devido ao cuidado inadequado. Na verdade, seu atestado de óbito estava escrito desde 1803,

² O sistema Westminster de governo, vigente em países como Canadá e Grã-Bretanha, constitui-se pelo partido opositor majoritário que escolhe ou elege os seus correlatos aos ministros em exercício e recebe o nome de *Her Majesty's Loyal Opposition*, ou apenas *The Parliamentary Opposition*, como na Austrália e na Nova Zelândia [N.T.].

ano em que começou a colonização britânica. Pouco tempo depois, o governo da ilha pagaria uma libra esterlina por cada cabeça de animal morto e dez shillings por cada filhote sacrificado. Entretanto, o animal resistiu ao assédio cem anos a mais que os aborígenes autóctones, aniquilados até 1830, perdendo-se para sempre sua linguagem e cultura. Do tigre da Tasmânia ficaram alguns exemplares empalhados e 62 segundos filmados do último exemplar — uma fêmea — movendo-se em círculos no perímetro de sua jaula.

O problema colocado pelas vítimas que colaboram para a ereção de uma realidade inóspita supõe um paradoxo e uma cumplicidade. O despossuído adula o poderoso não somente para bajular seu “gênio”, mas também porque admira seus bens e privilégios, e qualquer outro ideal, para ele, é irrealizável, além disso, pouco erógeno, e assim sentimentos e crenças acabam harmonizados com os interesses de cada um, atendendo à posição social, ao dinheiro e à paixão pelo poder. Apenas as doutrinas que oferecem coação, ou as que prometem vingança massiva e aplicação vantajosa em si, excitam por igual o encanto da política nos cidadãos e agrupamentos. Decorre que os piores defensores do estado de coisas presente sejam aqueles que pretendem modificar seus aspectos “inapresentáveis”, deixando intactas as causas que os mantiveram ativos. Somente procedem reajustes. Se desde o século XIX as ideologias políticas significativas compartilham o palanque, diferenciando-se unicamente em relação à questão da propriedade e da humanidade ou falta de humanidade de seus possuidores, é porque a máquina é o princípio de ordem que a todos satisfaz, o que exige aceitar a condição prioritária do homem como trabalhador, ou seja, consumidor, como se isso fosse uma distinção. As melhorias e a comodidade nada explicam. Cuba teve ferrovia antes que a Espanha, sua dona, e Manaus

antes que o Rio de Janeiro, na época capital do Brasil. Açúcar e borracha tinham prerrogativas. Tampouco a integração das partes no todo é um sucesso justificável em si. Em quase todos os lados, o traçado de ferrovias forçou o engate de tempos e atividades, concedendo poder a interruptores centrais em nome de coerências administrativas e poupança nos intervalos de traslado de passageiros da mesma maneira que as atuais redes informacionais “conectam” usuários em prol da “comunicação humana” apenas para serem vigiados no local, ao vivo e no instante. A chave mestra da liberdade é também a do controle. É uma reversibilidade inevitável. Por sua vez, as inovações técnicas não são neutras e suas alcunhas não são indiferentes. Na época da União Soviética, os prisioneiros conduzidos aos remotos campos de concentração chamavam “stolypinka” os vagões desses trens, em homenagem — chamemos-lhe assim — a Piotr Arkádievich Stolypin, ministro do czar Nicolás II, que mandara comprá-los no exterior, assassinado por um agente de sua própria polícia. O enorme barco de carga que conduzia outros prisioneiros ao campo de concentração chamado Kolyma, no extremo norte siberiano, chamava-se oficialmente *Nikolái Yeshov*, nome do chefe da NKVD, a polícia secreta. Mas quando Yeshov caiu em desgraça e foi executado, o barco foi rebatizado *Félix Dzerzhinski*, nome de um antecessor seu cuja estátua permaneceu erguida durante décadas diante do número 2 da Praça Lublyanka, sede da KGB, ex-NKVD, ex-CHEKA, ex-OCHRANA, até 1991, quando foi derrubada pela multidão. O atual governo a recolocou.

Não se pode abrir novos mercados sem arsenal tecnológico apropriado. Na África sobretudo, mas também na Ásia, foram imprescindíveis, em primeiro lugar, o rifle de repetição — a “winchester” — e de imediato a metralhadora automática portátil — a “maxim” —, capaz de disparar

11 balas por segundo a 800 metros de distância. Era a morte vinda de longe e os arcos e flechas, ou os mosquetes, já anacrônicos, pouco podiam fazer contra ela. Em segundo lugar, o vapor fluvial com canhão a bordo permitiu subir os rios interiores da Índia — o Ganges —, da África — o Congo —, e até mesmo da Sibéria. Em terceiro lugar, o cabo submarino — sob o Canal da Mancha, em 1850; até Argentina, em 1873; até o último confim da Ásia, em 1900 — permitiu tanto a circulação de correspondência comercial como a transmissão de instruções de guerra. E, por fim, um melhor conhecimento das enfermidades tropicais e o desenvolvimento de seus correspondentes antídotos, em especial o quinino. Como eram importantes os engenheiros, os médicos e os inventores!

O rinoceronte negro da África Ocidental — uma subespécie — foi declarado oficialmente extinto em setembro de 2011. Entretanto, dez anos antes restavam dez exemplares em Camarões. A transfiguração da China comunista em capitalista selou seu destino, pois ali, e em outros lugares do sudeste asiático também, os milionários “emergentes” pagam fortunas pelo pó de chifre de rinoceronte, reputado como potente afrodisíaco, o que significa impulsionar a caça clandestina. Muitas pessoas recorrem aos seus antigos habitats na esperança de encontrar algum sobrevivente que tenha restado despercebido, mas, passados três anos, nenhum foi encontrado.

O primeiro computador de alta velocidade com programa armazenado foi construído em 1952, a partir de sobras de componentes militares no Instituto de Estudos Avançados da Universidade de Princeton, fundado por filantropos com dinheiro proporcionado pela Bolsa. Seu construtor,

o físico Nicholas Metropolis, o batizou com o nome MANIAC. A primeira tarefa encomendada a esta máquina foi realizar os cálculos que permitissem colocar no ponto e em tempo a primeira bomba de hidrogênio da história, até ser detonada sobre Elugelab, uma ilha do oceano Pacífico que desapareceu para sempre junto com oitenta milhões de toneladas de coral. Somem-se inumeráveis cardumes, pássaros em revoadas e outras formas de vida. Lamentou-se uma só vítima humana, um piloto enviado para retirar mostras da nuvem radiativa que se aproximou mais do que o conveniente, por certo o primeiro e único norte-americano até hoje morto por causa de uma explosão atômica. Seu corpo todo se dissolveu na cabine e o avião caiu no mar. A “arquitetura” desse computador fora desenhada pelo matemático John von Neumann, um expert em explosivos e um dos criadores da bomba atômica original. Sua esposa disse que ele tinha “um intelecto prodigioso e uma incapacidade quase primitiva para as emoções”.

Uma técnica não deve ser avaliada pelos seus benefícios, e não somente porque inevitavelmente ingressa numa rede institucional, política e econômica que determina seus usos, mas porque demasiados malefícios lhes são congênitos. O irlandês John Dunlop, em 1887, inventou a roda com câmara de ar que possibilitou um salto qualitativo na segurança e mobilidade da bicicleta, mas foi justamente essa melhoria que atraiu a desgraça aos negros do Congo. Ao facilitar os deslocamentos e as sincronias entre bairros operários e lugares de trabalho cresceu a demanda por bicicletas, conseqüentemente também a da borracha, extraída da “árvore da goma”. Em um ponto extremo do processo, a borracha vulcanizada em rodas e câmaras de ar, suas aplicações em cabos telegráficos e telefônicos, assim como nos lares, ou seja, “o progresso”; no outro extremo, a escravidão, a força do chicote, a amputação de

uma mão como represália por não cumprir a cota de resina extraída da árvore, o sequestro de crianças e mulheres como reféns, e inclusive de aldeias inteiras, para obrigar os homens a trabalhar. No Congo, na época propriedade pessoal do rei Leopoldo II de Bélgica, praticou-se quase um genocídio para explorar comercialmente a árvore do caut-chup, ou “árvore que chora”, segundo seu nome indígena original, e por vinte anos a fonte quase exclusiva de “goma” foi o chamado “Estado Livre do Congo”. Ali não havia limites. Quantos morreram? Cinco milhões de pessoas? Talvez mais. Antes, no século XVIII, as pessoas ilustradas — época iluminista — elucubravam planos de paz perpétua ou utopias de seres emancipados saboreando o café coletado pelos escravos negros do Haiti, assim como nos nossos dias se coordenam tarefas e encontros mediante chamadas e mensagens de telefones celulares que não funcionariam sem a columbite-tantalita ou coltan, mineral “estratégico” extraído quase exclusivamente — novamente — na República Democrática do Congo, cuja exploração serviu para que os senhores locais da guerra desatassem um inferno de facções contrapostas que levou, em apenas vinte anos, outras cinco milhões de vidas. No mundo da técnica a dor nunca minguou. No máximo desloca a garra para um novo ponto de impacto.

O guará, ou lobo-raposa das Malvinas, ou lobo malvinense³ era o único mamífero terrestre autóctone dessas ilhas. Media um metro desde o focinho até o rabo e a pelagem era, naturalmente, espessa. A espécie viveu durante milhares de anos em seu habitat sem que ninguém a importunasse até 1689, quando um navegante europeu avistou um exemplar pela primeira vez. Até 1830, era caçado por seu pelo, depois para evitar que se aproximassem das granjas e, por fim, os ingleses os matavam por costume, com ódio inexplicável, apenas por matar.

³ Também conhecido como raposa das Malvinas [N.T.].

Restaram várias ilustrações realizadas por viajantes europeus e também onze exemplares embalsamados. O último dos guarás foi visto em 1876 em uma baía na ilha Soledad⁴.

As experiências que geraram máquinas não são distintas das que se depositavam nos escravos de plantios ou de cafezais: artefatos animados que garantissem a prosperidade. É também, desde sempre, o mesmo tratamento dado ao reino animal, cuja consequência foi a domesticação do homem e da mulher em bestas de carga, súditos, contribuintes, eleitores, mecanizadores da vida e da morte dos animais, de sua carne, pele, ossos.

Abundam as tecnologias que manifestam a íntima dualidade entre guerra e paz. Por exemplo, o globo aerostático⁵, apesar de seus usos recreativos e de contemplação de paisagens, serviu a objetivos militares. Napoleão Bonaparte os utilizava como plataformas de observação e como arma “psicológica”. Ou ainda, os aviões localizadores de cardumes de peixes, desenvolvidos durante a Segunda Guerra Mundial para avistar submarinos inimigos. E os cartões perfurados da empresa IBM, que aceleraram o funcionamento de computadores tanto quanto os registros de judeus na Alemanha nazista. Hoje, um avião não-tripulado, o “drone”, fulmina inimigos em terra, assim como detecta infrações de trânsito; a fábrica Boeing produz aviões que transportam turistas, mas também

⁴ Isla Soledad é também a designação da Malvina Ocidental, a maior ilha do arquipélago [N.T.].

⁵ Globo Aerostático é popularmente conhecido como balão de ar quente. Sua primeira demonstração, ainda não tripulado, foi feita em 1709, pelo padre Bartolomeu de Gusmão, nascido no Brasil, diante da corte portuguesa em Lisboa. A versão contemporânea, capaz de transportar pessoas, foi desenvolvida pelos irmãos franceses Montgolfier e apresentada publicamente na própria França, em 1783 [N.T.].

sistemas de detecção de inimigos por radar, e técnicas de “reconhecimento facial” que possibilitam a captura de “infratores”, e particularmente a vigilância da população em geral. Em sua época, o radar foi criado como instrumento bélico, e mais tarde transferido para a aviação comercial. Também a teleobjetiva foi inventada durante a Segunda Guerra Mundial para localizar e “contabilizar” o soldado inimigo, e mais tarde transferida para a fotografia, o cinema e a televisão. Não há quase nenhum artefato técnico caseiro que não esteja manchado de sangue. Por sua vez, as “apropriações” de seus usos para objetivos inversos somente redundam em um círculo vicioso. As investidas informáticas de grupos anônimos contra os males dos websites são paródias especulares dos bombardeios de precisão da aviação norte-americana no Afeganistão ou Somália, pois se o telégrafo permitiu administrar os teatros de operações militares dia a dia, hora a hora, inclusive minuto a minuto, o ajuste entre imagens de alta resolução tomadas por câmaras de vídeo e a velocidade das redes informáticas hoje faz com que, segundo a segundo, qualquer serviço de inteligência possa seguir deslocamentos espaciais ou informáticos através dos telefones celulares ou do teclado do computador. O que antes levava horas e horas de vigilância e perseguição, agora pode ser feito no instante e a um custo econômico infinitesimal para os governos. De fato, a Internet equivale, para as “forças especiais”, a caçar no zoológico: os que se enfiam na sua própria jaula são alvos fáceis. A justificativa sempre é humanitária ou remetida a medos implícitos ou explícitos: inimigos do povo nunca faltam. A população, por sua vez, decifra e distorce a presença permanente destas tecnologias inserindo boas intenções à palavra “globalização”. O mundo é efetivamente redondo. O presidente dos Estados Unidos, Theodore Roosevelt, o comprovou, em 1903, ao enviar a si mesmo um telegrama, mensagem que deu a volta ao mundo e demorou sete minutos para regressar a ele. O mundo era seu.

O maquinismo é um modo de viver, não é um conjunto coordenado de aparelhos, e como são industriais, planejados, tecnocráticos em espírito, erosões do corpo e mente, simpaticamente fascistas, as sociedades ocidentais, em si mesmas, são apologias da Morte. Certo é que nenhuma pessoa quer ser reduzida ao estatuto de coisa, mas não pode ser compelida a isso, nunca completamente, pois se está sempre à espera. É o impossível e o inútil, mas é melhor que iludir-se. Enquanto tal, o círculo tenebroso que circunda toda a existência é mantido na fronteira da abundância do supérfluo, que se torna primeira necessidade. As máquinas, as comodidades, os passatempos somente prosperam com o enfraquecimento do amor, da bondade e da compaixão. Em uma sociedade “inteligente” não há possibilidade de sofrer em paz.

A última pomba migratória, também chamada de pomba selvagem, morreu solitária em um dia de 1914, em um zoológico de Cincinnati, no estado de Ohio, e imediatamente seu cadáver embalsamado foi enviado a uma instituição chamada “Smithsonian”, onde ainda é exibida. Entretanto, em 1850, era possível encontrá-las aos milhares, centenas de milhares nos céus durante o voo sazonal. Sua cabeça era negra, as asas cinzas e o peito rosa vibrante. Foram incansavelmente caçadas, em escala industrial, para alimento de escravos e pobres, mas foi sobretudo o desmatamento e a abertura de rotas de ferrovias, que se expandiram aos seus últimos redutos, que acabaram com uma espécie tão numerosa; uma em cada quatro aves da América do Norte era uma pomba migratória no tempo em que lá chegaram os primeiros europeus. Resta uma foto do último exemplar em cativeiro — uma fêmea —, que somente depositava um ovo por ano em seu ninho e que deixou de fazê-lo para o todo sempre.

Tradução do espanhol por Edson Passetti.